

O BRILHO DOS OLHOS
O que nos arranca do nada?
por Julián Carrón

CAPÍTULO 3
«CARO CARDO SALUTIS»

«*Caro cardo salutis.*» «A carne é o eixo da salvação.»⁸⁵ É uma frase de Tertuliano, um Padre da Igreja. Pode parecer enigmática, mas seu significado fica claro assim que olhamos para nossa experiência: o que – se aconteceu, quando aconteceu – foi capaz de arrancar-nos do nada?

1. Uma presença carnal

Como contribuição pessoal para enfrentar o tema que estamos tratando,⁸⁶ uma jovem mulher me mandou uma carta que foca de maneira simples e clara no ponto que nos interessa. Portanto vale a pena repropô-la. Muita gente – creio –, mesmo na diversidade da situação de cada um, poderá facilmente reconhecer-se no que ela escreveu.

«Quando me pergunto o que me arranca do nada, não posso deixar de pensar em toda a minha história até hoje. Há dois momentos que ficaram marcados em mim e me vêm à mente quando penso neste nada. Um é a lembrança de quando era criança, e da imensa desproporção que sentia quando olhava as estrelas. Eu ficava chocada com o pensamento de ser nada em comparação à imensidade do universo. E algumas noites não conseguia dormir por esse motivo, pois minha vida parecia um momento sem sentido no meio da passagem do tempo. Outra vez, voltando para casa com minha mãe depois de termos passeado pelas lojas para fazer compras (coisa de que sempre gostei muito), entrei no carro com uma tristeza infinita (uma certa tristeza que sempre senti muito próxima). Eu disse a minha mãe: “Há dias em que não aconteceu nada de particular, mas de repente sinto uma enorme tristeza e não sei por quê”. Ficamos o resto do trajeto sem falar, com o rádio de fundo. Uma tristeza infinita, que acabava no nada. Conheci CL (e com ele o cristianismo) quando mudei para uma nova escola que algumas famílias do Movimento tinham fundado. Dois anos depois da doença e da morte de meu pai – eu tinha dezessete anos –, decidi fazer a Primeira Comunhão e aderir ao Movimento. Em meu primeiro ano de faculdade conheci um padre. Vendo ele a situação dolorosa que eu estava atravessando, deu-me a carta que você havia escrito sobre o tema dos abusos sexuais (uma situação que não tinha nada que ver com a que eu estava vivendo), “Feridos, voltamos para Cristo” (*la Repubblica*, 4 de abril de 2010). Nela você falava da sede de justiça, mas podia estar falando da minha sede em geral. Dizia que esta sede “é sem confins, sem fundo”, é “incapaz de ser esgotada tão infinita é”. “Se esta é a situação, a questão ardente – que ninguém pode evitar – é tão simples quanto inexorável: *‘Quid animo satis?’*” Como é que você conseguia chegar a fazer essa pergunta? Por que podia supor que houvesse algo que a realizasse, que a saciasse? Li e reli a carta, sentada sozinha na minha sala, e caí no choro ao pensar: “Será que é realmente possível que esta dor, este desejo de eternidade, esta ferida, possam ser preenchidos? Que haja algo neste mundo que possa satisfazê-los?” Foi a primeira vez na minha vida que pensei ser possível haver algo real, carnal e concreto que respondesse à minha sede. Era como se

⁸⁵ Tertulliano, *De carnis resurrectione*, 8,3: PL 2,806.

⁸⁶ Refere-se ao convite feito para que mandassem contribuições escritas acerca da pergunta: «O que nos arranca do nada?»; ver aqui, pp. 3-4.

repentinamente todos os elementos se recompusessem em unidade: as pessoas que eu conhecera naquela escola, o olhar tão diferente de meus professores, aqueles momentos nos acampamentos de verão quando meu coração se alargava e, vibrando, eu pensava comigo mesma que era como se eu tivesse esperado a vida inteira para ouvir aquilo mesmo que tinha ouvido. Tudo isso era um Tu concreto, à altura da minha ferida e do meu desejo de eternidade: “Alguém que torne presente o além no aquém: Cristo, o Mistério feito carne”. Estes anos foram a história de um afeto por essa carne concreta, por um Tu concreto. Nestas semanas de confinamento tenho me dado conta de que Cristo me conquistou, fazendo-me enxergar, experimentar que a minha tristeza não está condenada ao nada.»

Mas depois de ter encontrado essa presença carnal que arranca do nada, a partida não está de forma alguma encerrada. Devido às muitas vicissitudes da vida, às vezes devido à nossa presunção ou à nossa fraqueza, a dificuldades que se manifestam e nos desorientam, pode-se perder o caminho, pode-se estar longe da presença encontrada, pode-se abandoná-la. Também nesses casos há de ser sempre e somente uma carne o que nos conquista novamente. Escreveu-me nos meses passados uma estudante universitária: «Um ano atrás, sob o peso de algumas coisas que trazia comigo, estive fugindo da companhia que antes reconhecera como essencial para minha vida. Já não me reconhecia. Eu tinha o olhar apagado, vazio, e o coração tão fatigado, que até desejava desaparecer. Eu acreditava que para mim já não houvesse nada que fazer, nenhuma esperança. Achava que já não me reergueria. Porém, graças à companhia de alguns amigos que nunca me deixaram sozinha, que tomaram conta de mim e do meu coração, eu tentei recomeçar. Retomei a partir daqueles rostos mesmos que me estavam olhando com um bem e com uma ternura que naquele momento eu não conseguia sentir por mim mesma».

Como funciona bem o detector que há em nós! Quando uma pessoa é olhada com essa ternura que abraça o eu todo, percebe-o imediatamente!

«Muitas vezes – prossegue a carta – eu me perguntei: mas se eu mesma não consigo amar-me, como podem e por que deveriam fazê-lo os demais? Que coração não devem ter essas pessoas? O que não devem ter visto? O que não devem ter encontrado para quererem tão bem a alguém como eu? Queria entender. Então me pus à procura. Foi um ano cheio, intenso, cansativo, mas maravilhoso. Foi um ano que – posso dizer bem – me revolucionou e me preencheu a vida; não porque eu tenha sido melhor ou porque a dor e o medo que eu tinha tenham desaparecido, mas porque experimentei por meio de rostos precisos aquela “inimaginada, inimaginável, jamais experimentada correspondência ao coração”.⁸⁷ Desejo que todos pudessem viver a beleza de um encontro e de uma amizade como os que eu vivi. É maravilhoso viver com a certeza de ter encontrado uma grande companhia ao meu coração. Quero segurá-la firme. Não posso mais perdê-la para ir atrás dos meus pensamentos, pois nunca como agora reconheço que só neste lugar tudo de mim é acolhido e amado: minhas fragilidades, meus medos, minha dor e minha necessidade; só aqui posso olhar e levar a sério a mim mesma sem deixar nada de fora, sem dar nada por óbvio. Reconheço que só nesta companhia eu encontrei amigos que querem bem ao meu coração. Espanta-me ter tanta certeza assim, porque normalmente não tenho.»

Quando deparamos com um olhar cheio de uma ternura verdadeira em relação a nós, damos-nos conta de que existe uma alternativa ao ódio e à raiva por nós mesmos.

A carta continua: «Então, o que me arranca do nada? O que me arrancou do nada daqueles dias? Esta companhia». Quer dizer: uma companhia real, carnal, histórica. Esta é a carne que salva a vida. *Caro cardo salutis*: a carne, não nossos pensamentos, não nossas imagens, não nossas fantasias, não

⁸⁷ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 21.

o virtual, mas uma carne, ou seja – conclui a garota – «rostos precisos onde encontro esse olhar de bem e de ternura que me apontam para Outro, para um Tu vivo, presente aqui e agora, e que me devolveram à vida».

«A carne é o eixo da salvação.» É uma carne reconhecível por sua diversidade, como conta o escritor Daniele Mencarelli num comovente passo autobiográfico, em *A casa dos olhares*: «À altura do vitral pararam dois jovens. A mãe segurava nos braços um menininho, enquanto o pai brincava com ele, mostrando-lhe a fonte do jardim interno e, com caretas e bocarras, fazendo o filho rir. Quando cheguei a menos de um metro deles, os dois pais se viraram e, com eles, o filho. O passo perdeu a cadência, e assim a respiração. O pequeno devia ter uns três anos; à parte os olhos seu rosto não existia, e no lugar do nariz e da boca havia buracos de carne vermelha. Finquei os olhos no mármore do piso e passei ao lado deles, deixando de olhar para eles. [...] Perdi tempo esperando que aqueles dois jovens e o filho desfigurado fossem embora. O riso da criança chegou antes de tudo. Ainda estavam lá. Mas agora não estavam sozinhos. Na frente deles estava uma freira, velhinha, curvada para frente, com o rosto tocando a face assustadora do menino. “Você é a coisa linda da mamãe o do papai, não é?” Pegou numa mãozinha e a beijou, ao que ele caiu no riso; a freira não devia ter menos de oitenta anos, o rosto rechonchudo, branco como o leite. “Então não é só a coisa linda, mas também é simpático! Gosta disso?” E passou de novo a mãozinha na boca, no queixo, para alegria dele. Em seguida a irmãzinha se ergueu, olhando para o pai e a mãe. “Viram a risada que ele deu? Esse aí não tem prata por dentro, mas ouro, ouro vivo”. Beijou-o, indiferente a seu rosto, a tudo. Fiquei embasbacado, não consegui entender, decifrar. Presenciei algo de humano e ao mesmo tempo estrangeiro, como um rito proveniente de uma terra longínqua, não consigo encontrar dentro de mim os instrumentos para traduzi-lo na minha língua [...] tentei toda abordagem possível; tentei descartar o que vi como a um delírio de uma velha vestida de cinza; depois como ao fanatismo de uma freira surda e cega à dor que queria atestar a qualquer custo a supremacia de seu Deus, mesmo diante daquela deturpação; depois como ao espetáculo de uma atriz excepcional que um segundo depois, talvez, no escuro de um banheiro, pode ter lavado a boca por causa do beijo dado naquele rosto informe. Mas nenhuma leitura dá conta de cobrir a distância entre o que vi e minha lógica».⁸⁸

O escritor tentou explicar, remeter ao conhecido, ao previsível, ao compreensível, a excepcionalidade que vira, que invadira seus olhos («algo de humano e ao mesmo tempo estrangeiro»), que o atraía e de certa maneira imobilizara. Quantas vezes tentamos reduzir obstinadamente a diversidade que vemos a uma medida nossa! «O homem é tão apegado ao sistema e à dedução abstrata, que estaria prestes a alterar a verdade premeditadamente, e prestes a não ver vendo e a não ouvir ouvindo, a fim de justificar a própria lógica.»⁸⁹

O que é que magnetizou Mencarelli? A mesma coisa que magnetizou as autoras das cartas anteriores: uma diversidade humana. Ante a face completamente desfigurada daquele menino, a irmã não se retraiu, antes teve por ele uma ternura e uma simpatia profunda, vertiginosa e carnal, uma simpatia no sentido intenso do termo, um vórtice de afeição, que tinha algo tão abissalmente humano a ponto de parecer “mais” que humano, «estrangeiro» – divino.

Apenas uma carne, uma presença carnal é capaz de arrancar-nos do nada; uma presença que todas as nossas interpretações não conseguem eliminar, de tanto que nos magnetiza, nos toma, nos atrai até as entranhas, suscitando todo o nosso desejo no momento mesmo em que nos faz experimentar uma correspondência inimaginável a ele. Quem não gostaria de ser olhado com a

⁸⁸ D. Mencarelli, *La casa degli sguardi*. Milão: Mondadori, 2020, pp. 183-185.

⁸⁹ F. Dostoevskij, *Memorie dal sottosuolo*, op. cit., p. 35.

ternura com que se sentiram olhadas essas nossas amigas ou com que a irmã olhou para aquele menininho?

Só o deparar com semelhante olhar encarnado em alguém é que pode preencher o «abismo da vida» de que fala Milosz. Só uma carne pode vencer o nada. Não qualquer carne, não qualquer presença carnal, mas uma presença que carrega consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa e, portanto, é capaz de magnetizar o nosso ser. Com efeito, há uma carne que deixa um amargo na boca, que acaba no tédio de uma vida cheia de solidão, como acontecia com Miguel Mañara antes de seu encontro com Girolama e com a novidade que ela introduzira em sua vida. Como escreveu De Lubac: «Nada do que o homem cria ou do que permanece no plano do homem poderá arrancá-lo de sua solidão. A solidão, antes, aumentará cada vez mais conforme ele se descubra a si mesmo, pois esta não é mais que o contrário da comunhão à qual ele é chamado».⁹⁰

2. O judeu Jesus de Nazaré

O que pode vencer o niilismo em nós? Somente a magnetização exercida por uma presença, por uma carne que traz consigo, em si, algo que corresponde a toda a nossa espera, a todo o nosso desejo, a toda a nossa exigência de sentido e de afeição, de plenitude e de estima. Só pode arrancar-nos do nada “aquela” carne que é capaz de preencher o «abismo da vida», o «desejo louco» de realização que há em nós, para usar mais uma vez as expressões de Milosz.

Quando essa experiência não ocorre, nós não saímos do nosso niilismo, embora tenhamos sido formados culturalmente nos discursos religiosos e atuemos de todas as formas, porque «os argumentos a favor da verdade», de que falava Balthasar, e as «coisas para fazer» não são capazes de “tomar-nos”, de arrastar todo o nosso eu; e cedo ou tarde – normalmente mais cedo que tarde – acabamos por aborrecer-nos.

Ora, esse olhar cheio de ternura pela nossa humanidade entrou no mundo pela carne de um Homem, o judeu Jesus de Nazaré, dois mil anos atrás. «Na Encarnação, o Logos eterno ligou-Se a Si mesmo a Jesus de tal maneira que [...] o Logos já não pode ser pensado independentemente de Sua conexão com o homem Jesus. [...] Quem quer que entre em contato com o Logos toca Jesus de Nazaré. [...] Ele é o Logos mesmo, que no homem Jesus é um sujeito histórico. Decerto Deus toca o homem de muitas maneiras, também fora dos sacramentos. Mas Ele o toca sempre por meio do homem Jesus, que é Sua automediação na história e nossa mediação na eternidade.»⁹¹

Esse acontecimento – a Encarnação – é um divisor de águas na história do homem e ninguém mais poderá arrancá-lo dela. Por isso, afirma Giussani, «é numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é *numa carne* que nós O encontramos, identicamente».⁹² Quem o identifica percebe estar diante do evento mais decisivo de sua vida. Vemos isso claramente quando acontece. Visitemos então um dos episódios do Evangelho mais significativos sob este ponto de vista, buscando identificar-nos com aquela mulher que vai até Jesus com uma consciência dóida de si, de sua necessidade, com o amargo na boca por todo o seu mal, com sua incapacidade de encontrar paz, com a falta de ternura por si mesma, talvez com o impulso de arrancar de si aquela sua humanidade, aquele seu desejo que tentara satisfazer desajeitadamente. No entanto, foi justamente essa humanidade, essa necessidade de ser amada, de ser olhada com verdade, que lhe permitiu surpreender o imprevisto, ou seja, a presença de Jesus.

«Um fariseu convidou Jesus para a refeição. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa.

⁹⁰ H. de Lubac, “Ecclesia Mater”. In: Idem, *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., pp. 161-162.

⁹¹ J. Ratzinger, “Cristo, a fé e o desafio das culturas”, *Asia News*, n. 141/1994.

⁹² L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: Bur, 1999, p. 123. Cf. Constituição dogmática sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, 4.

Havia na cidade uma mulher, que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, ela trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume. Postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, começou a lavá-los com suas lágrimas. Depois, enxugava-os com seus cabelos, beijava-os e os ungiu com perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado falou consigo mesmo: “Se esse homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca: é uma pecadora!” Então Jesus lhe dirigiu a palavra: “Simão, tenho algo para te dizer”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. “Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei em tua casa, não me oferecete água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste o beijo; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar os meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu os meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem pouco se perdoa, pouco ama”.»⁹³

Aqui estamos diante daquele «realismo inaudito» de que fala Bento XVI, quando afirma que «a verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos.»⁹⁴ Cada um de nós – creio – desejaria ser alcançado por semelhante olhar, qualquer coisa que tenha feito, como quer que tenha conduzido sua vida.

De que é que precisou aquela mulher para ser “tomada” pelo olhar de Cristo? Somente de sua humanidade, embora ferida e grosseira como era – como no fundo é a de todos –. Quando encontrou aquele Homem, sua humanidade, mesmo com todos os erros cometidos, foi inteiramente magnetizada, a ponto de não ter havido meio de pará-la: a mulher atravessou a hostilidade e a desaprovação dos outros e foi ao banquete lavar os pés de Jesus com suas lágrimas. A identificação com o Evangelho é uma das coisas mais bonitas que Giussani nos comunicou. De fato, normalmente lemos esses relatos dando-os por óbvios, privando-os do relevo factual, histórico, vital. Já Giussani, retornando uma vez após a outra aos episódios do Evangelho e identificando-se com os acontecimentos neles descritos, mostrou-nos – neles – como Jesus se dirigia à humanidade ferida e cheia de limites daqueles que encontrava. Nada O detinha. E nada O detém agora. E é essa mesma humanidade nossa – muitas vezes vivida com incômodo, porque as contas não fecham, porque não nos agrada, pelos muitos limites que achamos em nós – que Cristo toma até as entranhas, e é a ela que Ele se dirige e sem ela não teria como entrar na tua e na minha vida, não encontraria um ponto de contato conosco. «Somente Deus capta o ponto mais profundo da consciência em que o homem, a despeito da própria vida, dos próprios pecados, é verdadeiramente humano e humaniza. No fundo, a redenção se dá quando Cristo extrai o que de mais profundo há no homem, que vale mais que seu pecado»,⁹⁵ escreveu François Varillon.

O olhar de Cristo lê dentro de nós, nas profundezas do nosso desejo de plenitude. Recentemente o Papa Francisco lembrou isso: «Nascemos com uma *semente de inquietação*. Deus quis assim: a ansiedade de encontrar plenitude, de encontrar Deus, muitas vezes inclusive sem saber que temos esta inquietação. O nosso coração está inquieto, o nosso coração está sedento: tem sede do encontro com Deus. Procurando-o, muitas vezes por caminhos errados: perdendo-se, depois volta, procura-o... Por outro lado, Deus tem sede do encontro, a tal ponto que enviou Jesus para nos

⁹³ Lc 7,36-47.

⁹⁴ Bento XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, 12.

⁹⁵ F. Varillon, *Traverse di un credente*. Milão: Jaca Book, 2008, p. 98.

encontrar, para vir ao encontro desta inquietação».⁹⁶

Nenhum ser humano jamais se sentiu tão radicalmente afirmado quanto pelo olhar introduzido na história por esse homem, Jesus de Nazaré; nenhuma mulher jamais ouviu alguém falar de seu filho com a mesma ternura original, com a mesma afirmação totalmente positiva de seu destino, para além de qualquer êxito pensável bem como de qualquer fracasso. Com esse olhar vertiginosamente afirmativo, Jesus diz à mulher que lhe lavou os pés com lágrimas: «“Teus pecados estão perdoados”». Os convidados começaram a comentar entre si [é a rebelião ante uma novidade que os põe em questão]: “Quem é esse que até perdoados?” [não o dizem com admiração, mas refutando-o, como que dizendo: é uma blasfêmia]. E Jesus disse à mulher [ninguém consegue demovê-Lo de sua atitude em relação a ela]: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”»⁹⁷ Esse olhar não poderá mais ser desenraizado da face da terra: por isso o que dizemos sobre nós mesmos, o que você diz sobre si mesmo ou sobre si mesma já não é a última palavra.

O que arrancou do nada a pecadora do Evangelho não foram seus pensamentos, seus propósitos, seus esforços, e sim uma Presença que tinha tamanha paixão, tamanha preferência pela pessoa dela, pelo eu dela, que ela foi conquistada. Todo o curso de sua vida foi revirado, revolucionado por aquele encontro: já não lhe importavam os olhares dos demais, pois estava toda definida por Jesus, por Seu olhar, por aquela presença de carne e osso. Ninguém mais em sua vida havia olhado para ela como aquele homem. Senão não teria entrado naquela casa, não lhe teria lavado os pés com as lágrimas, não os teria enxugado com os cabelos. Que experiência não terá vivido, que certeza não terá tido essa mulher para desafiar daquele jeito os fariseus sentados àquela mesa e toda a cidade! Sem tal certeza, fica-se à mercê dos comentários próprios e dos outros. No entanto, todos os pensamentos nossos e dos outros são superados por aquele olhar, que nenhum poder deste mundo pode apagar: eles não são eliminados, mas inibidos em sua capacidade de paralisar-nos.

Com Von Balthasar, podemos dizer que se trata de «uma certeza que não se apoia na evidência própria da inteligência humana, mas na evidência manifesta da verdade divina: não no ter agarrado, mas no ter sido agarrado». Esta, insiste o teólogo da Basileia, «é uma questão vital da cristandade atual». Porque a fé só pode ser crível para o mundo que nos circunda «se se entender a si mesma como crível, se a fé então não significar [...], como primeira e última coisa, “dar por verdadeiras certas afirmações” que, sendo incompreensíveis à razão humana, podem ser aceitas só na obediência à autoridade; a fé, com efeito, apesar de toda a transcendência da verdade divina, aliás, justamente mediante ela, conduz o homem à compreensão daquilo que Deus é em verdade, e nessa compreensão (ao lado dela) também à compreensão de si mesmo».⁹⁸

A certeza e a fé daquela mulher apoiavam-se «na evidência manifesta da verdade divina», através do olhar sem comparações de Jesus, pelo qual se sentiu afirmada e conquistada totalmente, e na experiência de uma correspondência a suas exigências constitutivas jamais vivida antes. É tão forte essa evidência da verdade, é tão resplandecente «essa revelação da glória – insiste Balthasar –, que não precisa de outra justificação fora de si mesma».⁹⁹ A mesma consciência do quanto é decisiva essa evidência para a credibilidade da fé hoje caracterizou desde o início o compromisso educativo de Giussani: «Eu estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o

⁹⁶ Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

⁹⁷ Lc 7,48-50.

⁹⁸ H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., pp. 120, 125.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 126. Cf. DS 3008.

contrário».¹⁰⁰

3. Um acontecimento

Em Jesus de Nazaré, Deus tornou-se um entre nós. «A Palavra se fez carne.»¹⁰¹ Mas para entender do que estamos falando, obrigatoriamente temos de voltar ao início e olhar com atenção para o que aconteceu. O nosso “já saber”, de fato, muitas vezes altera nossa compreensão. «Ponhamo-nos naquela época, Jesus Cristo não estava na boca do povo, não era um nome já habitual: o que viam era um homem», que andava pelas ruas, que podia ser encontrado, com quem se podia falar. Jesus era uma presença contemporânea à vida de Pedro, de Zaqueu, de Madalena. «Ao ouvirem aquele homem havia um pressentimento novo de vida; nem sequer o punham em palavras, sentiam-no». Pois bem, «houve uma noite em que para Pedro, para Zaqueu ou para Madalena, naquele dia, ocorrera alguma coisa que era a vida deles inteira, que foi a vida deles inteira»: depararam com aquele homem e foram “tomados”, magnetizados por ele. Aquele foi o acontecimento decisivo para eles. Naquele homem, com efeito, «torna-se presente o eterno, o consistente, o ser, o significado, aquilo pelo qual a vida vale a pena; finalmente se torna presente o objeto para o qual a razão é feita, para o qual a consciência é feita, para o qual o eu é feito. O consistente, o permanente, a totalidade é um homem!»¹⁰²

E para nós, que viemos dois mil anos depois? Do mesmo modo é para nós. Idêntico. Ao falar para alguns universitários, Giussani afirmou: «Pode ter sido a irrupção brevíssima e sutil de um pressentimento de promessa para a vida o que nos conduziu até aqui, sem estardalhaço de autoconsciência, sem estardalhaço crítico. Mas há um dia na vida de vocês em que ocorreu um encontro em que está encerrado todo o significado, todo o valor, todo o desejável, todo o justo, todo o belo e todo o amável. Porque Deus feito homem é isso. E o Deus feito homem alcança-nos com mãos, com olhos, com boca, com a realidade física de uma humanidade.»¹⁰³ Qual realidade? A da companhia dos que creem n’Ele, Seu corpo misterioso. O homem que disse: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida»¹⁰⁴ ressuscitou, isto é, é contemporâneo à história. «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.»¹⁰⁵ Onde se vê isso? Onde se escuta isso? Sua presença aqui e agora coincide com um fenômeno visível, tangível, concreto, feito da gente que foi alcançada pela Sua iniciativa e que O reconheceu: é a realidade da Igreja. «*A contemporaneidade de Cristo ao homem de cada época realiza-se no Seu corpo, que é a Igreja.*»¹⁰⁶

«Mesmo quando Jesus estava no âmago de Sua atividade terrena, o Seu acontecimento assumia uma forma que não se identificava apenas com a fisionomia física da Sua pessoa, mas também com a fisionomia da presença daqueles que n’Ele acreditavam, a ponto de serem por Ele enviados a levar as Suas palavras, a Sua mensagem, a repetir os Seus gestos portentosos, isto é, a levar a salvação que era a *Sua* pessoa.»¹⁰⁷

Cristo é uma presença contemporânea. Dar-se conta disso implica a mesma e idêntica experiência de há dois mil anos – como ilustraram as duas cartas citadas e o trecho de Mencarelli –, o impacto com uma presença de humanidade diferente, que desperta um pressentimento novo de vida, que nos marca porque corresponde como mais nada à sede estrutural de sentido e de plenitude

¹⁰⁰ L. Giussani, *Educar é um risco*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, pp. 16-17.

¹⁰¹ Jo 1,14.

¹⁰² L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*. Milão: Bur, 2009, pp. 425-427.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 426.

¹⁰⁴ Jo 14,6.

¹⁰⁵ Mt 28,20.

¹⁰⁶ João Paulo II, Carta encíclica *Veritatis splendor*, 25.

¹⁰⁷ L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2014, p. 42.

que há em nós. Também hoje se trata da experiência de um encontro no qual, como mencionei, «está encerrado todo o significado, todo o valor, todo o desejável, todo o justo, todo o belo e todo o amável». Esta é a forma com que somos investidos por Sua presença agora: depararmos com «uma diversidade que atrai porque corresponde ao coração; passa, por conseguinte, pela comparação e pelo juízo da razão, e suscita a liberdade, em sua afetividade».¹⁰⁸

Para caracterizar a presença dessa humanidade diferente, Giussani usa a palavra «excepcional». Com ela, ele não entende uma superioridade de desempenho individual, uma estranheza ou uma excentricidade, mas precisamente a correspondência que mencionamos. Uma coisa pode ser definida como excepcional quando corresponde adequadamente às expectativas originais do coração, por mais que a pessoa possa não ter uma consciência clara delas. Mas por que é que o «correspondente» deveria chamar-se «excepcional»? Porque a correspondência às nossas exigências originais, que deveria ser normal, normalmente não acontece. Hoje podemos entendê-lo melhor do que nunca: temos tudo, podemos ter acesso a tudo, em todos os sentidos, muito mais do que antes, incomparavelmente mais, tanto em termos de relações e de coisas como de experiências, mas não há nada disso tudo que seja capaz de conquistar-nos até o fundo, de fazer-nos experimentar a correspondência de que tem sede o nosso coração. Portanto, quando num determinado encontro essa correspondência acontece, ela se põe como algo excepcional. A presença, a face pela qual experimentamos a correspondência, distingue-se das demais justamente por isso. E dizemos: «É excepcional!»

Ora, só a contemporaneidade de Cristo pode arrancar-nos do nada. Só a Sua presença aqui e agora pode ser a resposta adequada ao niilismo, ao vazio de sentido: uma presença entendida, pois, não em termos espiritualistas, abstratamente “ideais”, mas carnis e históricos. Cristo não é uma ideia ou um pensamento, mas um acontecimento real que irrompe na minha vida: eu encontro «algo que contém algo»¹⁰⁹ e magnetiza todo o meu ser: «Jesus Cristo, aquele homem de dois mil anos atrás, oculta-se, tornando-se presente sob a cobertura, sob o aspecto de uma humanidade diferente».¹¹⁰

Outra carta oferece-nos uma imagem vívida disso: «Eu não achava que à beira dos cinquenta anos fosse possível renascer. Vivi quarenta e sete anos certo de que Jesus Cristo não fosse uma “coisa” indispensável para mim. Por todos estes anos persegui objetivos que não resistiam ao impacto do tempo: a universidade, minha profissão, a família. Toda vez que alcançava o que havia prefixado não me sentia satisfeito e ia constantemente em busca de novos objetivos. Por mais que para a maioria minha vida parecesse boa, eu tinha a sensação de alimentar-me de algo que não me saciava. Tudo isso produziu em mim uma crise profunda. Sentia-me inútil, e até a relação com os amigos, os colegas e as pessoas queridas foi ficando difícil. Queria ficar sozinho. Um dia, no ambiente da escola de meus filhos, conheci uma pessoa que tinha olhos brilhantes. Ele também estava vivendo um momento difícil por causa de problemas do trabalho, mas me parecia tranquilo, seguro de si; em resumo, com letícia. Eu não sabia o que lhe permitia viver assim, tampouco sabia o que era CL. Nasceu uma forte amizade que me levava a desejar a companhia dele. Fomos passar férias juntos com nossas famílias, e minha curiosidade em relação a ele só crescia. Comecei a encontrar seus amigos, que depois viraram meus amigos. Comecei a participar dos gestos propostos pelo Movimento. Voltei a rezar, a ir à missa, a confessar-me. Às vezes eu me perguntava: “Por que faço isso?”, e me respondia: “Porque estou melhor”. Ainda hoje me surpreendo com essa amizade,

¹⁰⁸ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 35.

¹⁰⁹ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 167.

¹¹⁰ L. Giussani, “Qualcosa che viene prima”. In: Idem, *Dalla fede il metodo*. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 39.

cuja origem é o amor por Jesus Cristo. Antes eu só tinha amigos ligados ao trabalho, à paixão pelo mesmo esporte ou à convivência. Estes três anos me mudaram, me melhoraram. Quem me conhece há muito tempo, meus velhos amigos, meus parentes, meus colegas notaram em mim algo diferente. Talvez não seja a mesma luz que meu amigo tem nos olhos, mas creio que esporadicamente algum clarão apareça também nos meus olhos. Quero estar mais em contato com esse amigos para “lembrar-nos que Cristo é tudo” – como dizia Dom Giussani –, para reconhecer “Aquele que está entre nós” e para “ajudar-nos a viver essa consciência, chamando nossa atenção para ela até tornar-se habitual”¹¹¹».

É este o método pelo qual a fé se comunicou e sempre poderá comunicar-se: um encontro imprevisível, que suscita o desejo e move a pessoa a verificar a promessa que ele carrega consigo quando ela participa da vida da comunidade cristã. «A Igreja antiga, depois da época apostólica, desenvolveu como Igreja uma atividade missionária relativamente reduzida, não tinha nenhuma estratégia própria para o anúncio da fé aos pagãos e [...], ainda assim, essa época foi um período de grande êxito missionário. A conversão do mundo antigo ao cristianismo não foi o resultado de uma ação planejada, mas o fruto da prova da fé no mundo tal como se podia ver na vida dos cristãos e na comunidade da Igreja. O convite real de experiência a experiência, e nada mais, foi, humanamente falando, a força missionária da Igreja antiga. A comunidade de vida da Igreja convidava à participação nesta vida, em que se revelava a verdade da qual vinha esta vida. [...] Somente a junção entre uma verdade coerente em si mesma e a garantia na vida dessa verdade pode fazer brilhar aquela evidência da fé esperada pelo coração humano; só através dessa porta é que o Espírito Santo entra no mundo.»¹¹²

Nihilismo/carnalidade: são estes os termos que definem a nossa situação de hoje; e não só de hoje, mas de sempre, porque o nihilismo de que falamos não é um fenômeno contingente, é uma possibilidade permanente do espírito humano, ainda que em outras épocas se tenham usado palavras diferentes para indicá-lo. Ao nihilismo, ou seja, ao nada que nos invade e a que sempre estamos tentados a ceder, não podem responder meros discursos, regras, distrações, pois não são capazes de magnetizar-nos, de conquistar realmente a nossa humanidade. Isso explica a insistência do Papa Francisco no perigo de reduzir o cristianismo a gnosticismo ou a pelagianismo.¹¹³ Ao nihilismo, ao vazio de sentido, pode responder somente uma carne, um olhar encarnado numa freira de oitenta anos ou num amigo, ontem ou hoje. «Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade.»¹¹⁴ Ou faço hoje a experiência de uma presença que se interessa totalmente pela minha humanidade, ou no fundo não há saída, porque nem o discurso nem a ética nem as distrações de que dispomos podem produzir a plenitude que espero do fundo do meu ser.

Sem a experiência dessa “conquista” do meu eu não há cristianismo; não há cristianismo como acontecimento, conforme sua natureza original, e não há então possibilidade de mudança da forma de conceber e de tratar pessoas e coisas, não há *metanoia* e não há afeição verdadeira. «Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de modo que o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que “agarrados”, magnetizados por Ele. O acontecimento cristão tem a forma de um “encontro”: um encontro humano na realidade banal de todos os dias.»¹¹⁵

Não há nada mais inteligível para o homem, nada mais fácil de entender do que um

¹¹¹ L. Giussani, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*. Milão: Ultreya, 2019, p. 224.

¹¹² J. Ratzinger, *Olhar para Cristo: Exercícios de fé, esperança e caridade*. São Paulo: Quadrante, 2019, p. 31.

¹¹³ Cf. Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 94.

¹¹⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 9.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 34.

acontecimento que tem a forma de um encontro. Entende-se, então, por que o Papa Francisco repropõe com frequência a frase da *Deus caritas est*: «Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”». ¹¹⁶ Este é o método de Deus, é o método que Deus escolheu para tirar o homem – eu, você, cada um de nós – do nada, da impossibilidade de realizar-se, da suspeita de que tudo acabe em nada, da decepção melancólica consigo mesmo, da facilidade em conformar-se e em desesperar. «Tudo na nossa vida, tanto hoje como na época de Jesus, começa com um encontro.» ¹¹⁷

Deus fez-se carne e habita entre nós: o cristianismo é isto; não primeiramente uma doutrina, uma moral, mas Alguém presente, aqui e agora. O resto – a doutrina, a moral – vem depois. «Aquilo que fez todas as coisas [isto é, Deus, a origem, o destino, o sentido da vida] identificou-se com a precariedade de uma carne, identifica-se [ainda] com a precariedade de uma carne, torna-se audível e tangível com a precariedade de uma carne», ¹¹⁸ a de pessoas como você e como eu; uma carne frágil, cheia de limites, mas que foi agarrada e transformada. Se o cristianismo nos fascinou, se nos ligamos a uma determinada realidade, é porque vimos pessoas comprometidas de maneira diferente com as coisas de todos, com uma letícia e uma paz – mesmo na dor e na dificuldade – que desejamos para nós, com uma gratuidade e uma positividade de olhar, até diante das circunstâncias mais difíceis e contraditórias, que passamos a “invejar”; pessoas “tomadas”, mudadas pelo acontecimento cristão – que também para elas teve a forma de um encontro –, testemunhas de uma novidade de vida que perturba em sentido humano o ambiente ao redor delas. A origem de tal perturbação é bem descrita pela Liturgia Ambrosiana: «Tornarei evidente a minha presença na letícia de seus corações.» ¹¹⁹

Desta forma, observa Giussani, se em Jesus Deus se tornou carne, «é preciso estar na carne para entender Jesus. É uma experiência o que nos faz entender Jesus. Se Deus, o Mistério, se tornou carne, nascido das entranhas de uma mulher, só se pode entender algo desse Mistério partindo de experiências materiais. Se, para fazer-se entender, se tornou carne, é preciso partir da carne». E ainda: «Se você deixa a carne de lado, o paradoxo se destrói: essa fé não interessa mais a ninguém», ¹²⁰ vira discurso, fica abstrata, vira ética, manual de instruções, e já não nos magnetiza. Só uma experiência humana é que nos permite descobrir a presença de Cristo, entender o que é a nossa relação com Ele.

4. Para identificar a verdade basta uma atenção sincera

Identificar a presença contemporânea de Cristo é fácil: são raras as presenças que nos magnetizam, que nos fazem experimentar a correspondência de que falamos. Por isso identificá-las é fácil: para Pedro, Zaqueu, a Samaritana e Madalena foi fácil. É fácil, mas não é óbvio. Via-se isso também com Jesus. Pensemos no escândalo e na conseqüente repulsão daqueles que O viram ir à casa de Zaqueu.

Que será que havia em Pedro, em Zaqueu, na Samaritana, em Madalena e nos outros que O

¹¹⁶ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 7.

¹¹⁷ Francisco, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

¹¹⁸ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*. Milão: Bur, 2019, p. 115.

¹¹⁹ «Populus Sion, ecce Dominus veniet ad salvandas gentes: et auditam faciet Dominus gloriam laudis suae in laetitia cordis vestri» (Canto da Fração do Pão [Confratério] do 4º Domingo do Advento ambrosiano. In: *Messale Ambrosiano*. Dall'Avvento al Sabato Santo. Milão: 1942, p. 78).

¹²⁰ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?* Milão: Bur, 2011, pp. 481, 207.

encontraram, para que identificassem a Sua novidade, a Sua diversidade, a Sua unicidade? Uma atenção sincera, um olhar escancarado. De fato, «a verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção».¹²¹ Ela está ao alcance de todos, e isso é libertador, porque desobstrui o campo de uma objeção recorrente, que esconde um descompromisso com a realidade da vida: «Eu não sou capaz, não sou inteligente, faltam-me os meios para entender». Para identificar a verdade, basta a atenção.

Claro, nunca é fácil prestar atenção, como escreve Simone Weil: «Há algo em nossa alma que sente repugnância à verdadeira atenção de maneira muito mais violenta do que a carne sente repugnância ao cansaço. [...] A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto».¹²² Mas para permeabilizar o próprio pensamento ao objeto, para não ficar fechado na própria medida, para «uma abertura à totalidade dos fatores em jogo»,¹²³ é preciso uma centelha de afeição a si mesmo, de interesse pelo destino da própria existência; é essa centelha, mesmo recôndita no fundo da alma, o que nos permite aceitar sermos amados, “reagir” a uma presença que afirma o nosso ser e prestar-lhe atenção.

Pedro, Zaquau, a Samaritana, Madalena não tinham posto uma surdina na humanidade deles: no olhar deles havia uma sede, uma espera inquieta, até sofrida, que a presença daquele Homem evocara, fizera ressoar, abraçando-a, correspondendo a ela.

Decerto tal olhar escancarado foi suscitado, solicitado neles pela presença excepcional de Jesus, mas eles tiveram de favorecer aquela provocação, aquela solicitação, nada neles aconteceu magicamente ou mecanicamente (o que ocorresse de tal modo seria estranho ao humano).

Para perceber as presenças que carregam uma novidade de vida, para identificá-las, cumpre ter portanto uma atenção, uma razão afetivamente empenhada, uma humanidade viva. Não pode haver atenção ou abertura da razão sem vibração afetiva, sem interesse. Um olhar atento é sempre um olhar interessado. «Enfim, se uma determinada coisa não me interessa, não olho para ela: se não olho para ela, não posso conhecê-la. Para ter conhecimento dela, preciso fixar nela a minha atenção. Atenção quer dizer, em latim, “ato ou efeito de estar propenso a...” Se me interessa, se me toca, estarei propenso a relacionar-me com ela.»¹²⁴

5. Um reconhecimento que se chama fé

Esta atenção é, pois, o início do reconhecimento da natureza do que temos em frente. De fato, quando se identifica uma presença de humanidade diferente – no momento em que acontece, no lugar em que acontece –, é difícil abafar uma pergunta sobre a natureza do que se vê. Perante a presença de Jesus, nas pessoas que o ouviam falar e o viam agir, nascia a pergunta: «Quem é este?» Uma pergunta estranha, suscitada pela irredutível diversidade d’Ele. «Sabem de onde vem, conhecem sua mãe e seus parentes, todos sabem dele, mas é tão desproporcional o poder que esse homem demonstra, ele é tão grande e tão diferente em sua personalidade, que até a pergunta tem um sentido diferente: quem será que é este?»¹²⁵

A mesma pergunta nasce em nós hoje perante a presença de pessoas com quem deparamos, que

¹²¹ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 59.

¹²² S. Weil, *Espera de Deus*: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019.

¹²³ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 192. O autor observa: «De qualquer modo, estas são as questões fundamentais para um caminho humano: educar a liberdade para a atenção, isto é, para uma abertura à totalidade dos fatores em jogo, e educá-la para a aceitação, ou seja, para abraçar conscientemente o que encontramos». Desta forma, ele apresenta também o problema essencial de uma *educação* da liberdade para a atenção.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 53.

¹²⁵ Cristo, a companhia de Deus ao homem – Cartaz de Páscoa, 1982, Comunhão e Libertação.

conhecemos e frequentamos, de quem viramos amigos: «Quem é você, por que é assim?» A pergunta surge pela excepcionalidade da presença delas, uma excepcionalidade que se evidencia na nossa experiência. É desta maneira que se comunica o cristianismo, tanto hoje como naquela época. É o que bem dizia a carta do amigo de cinquenta anos que acabei de citar. O surgimento da pergunta efetivamente é um sintoma do mesmo «problema exorbitante» que se apresentou às pessoas que conviveram com Jesus. Como observou o Papa Francisco: «O testemunho suscita admiração, e a admiração suscita perguntas em quem o vê. Os outros acabam perguntando-se: por que é que essa pessoa é assim? De onde lhe vem o dom de esperar, e de tratar os demais conforme a caridade?»¹²⁶

Todos te olham com a mesma ternura? Todos te olham com a mesma gratuidade? Todos te olham com a mesma paixão pelo teu destino? É tudo igual? Por isso, quando uma pessoa se acha diante de uma diversidade sem comparações – como o escritor Mencarelli com a freira – não pode deixar de fazer-se a pergunta: «Quem é este?» Aqui, neste contragolpe maravilhado que suscita uma pergunta insuprimível, tem início o percurso de conhecimento, de reconhecimento, que se chama fé.

Vejam como isso se desdobra nos primeiros que encontraram Jesus. Tentemos identificar-nos numa das muitas cenas do Evangelho, para comparar-nos com a dinâmica cognoscitiva que emerge da narrativa. Jesus partiu com os discípulos para a região de Cesareia. No meio do caminho, a certa altura, Ele para e pergunta-lhes: «Quem dizem os homens que eu sou?» Pegos desprevenidos, arriscaram algumas respostas: «Alguns dizem que és João Batista; outros, que és Elias; outros, que és Jeremias ou um dos profetas». Nesse momento, a pergunta é feita direta e pessoalmente: «E vós, quem dizeis que eu sou?» O primeiro a responder é Pedro, com seu jeito impulsivo de reagir: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo».¹²⁷ Como é que pôde pronunciar essas palavras? Pedro não diz algo que ele mesmo pensou, a que ele mesmo chegou, com a capacidade de entendimento de sua razão; repete o que ouvira dizer o próprio Jesus. Não são palavras suas, conquistas suas. Por que as repete? O que torna plenamente razoável essa repetição, ainda que não possuísse plenamente seu significado? A certeza que Pedro alcançara sobre aquele homem, a experiência que fizera na relação com ele e que lhe evidenciara que, «se não posso confiar nesse homem, não posso confiar nem sequer em mim mesmo!»

6. Liberdade e confiança

Por que é que Pedro podia – devia – confiar em Jesus («se não crermos neste homem, não podemos ter confiança nem em nossos olhos»)? Cumpramos ressaltar primeiramente que nós ficamos mais aptos a ter certeza sobre alguém quanto mais ficamos atentos à sua vida. Quem é que conseguiu entender que precisava ter confiança em Jesus? As pessoas que O seguiram e ficaram com Ele, e não a multidão que ia para ser curada, sem comprometer-se a si mesma num envolvimento vital. Só na convivência e na partilha podem acumular-se os sinais necessários para alcançar a certeza sobre alguém, de modo a chegar a dizer com plena razoabilidade: «Nele eu posso confiar».

Mas a inteligência dos sinais, a interpretação deles, exige a liberdade. Os sinais não “impõem” a conclusão a que conduzem: «A liberdade entra em jogo no terreno chamado sinal. [...] O sinal é um acontecimento a ser interpretado.»¹²⁸ Portanto, em relação à mesma pessoa de Jesus, entre o povo havia uma diversidade de interpretações. Com os sinais, vem à tona a liberdade.¹²⁹

Para muitos, a presença da liberdade representa uma objeção, percebida como algo que torna a vida pesada e enfraquece a verdade da conclusão a que se quer chegar.

¹²⁶ Francisco, *Senza di Lui non possiamo far nulla*. Cidade do Vaticano: LEV, 2019, p. 37.

¹²⁷ Cf. Mt 16,13-19.

¹²⁸ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 171.

¹²⁹ Sobre a liberdade no ato de fé, cf. DS 3035.

Na tentativa de esclarecer a um jovem amigo meu que não só não podemos poupar-nos da liberdade, mas que ela é um bem para nós, propus-lhe um exemplo. «Imagine que, tendo passado alguns anos com sua namorada e tendo tido muitos sinais do quanto um é um bem para o outro, você decida perguntar-lhe explicitamente: “Quer casar comigo?” Ao fazê-lo, sentiria alguma trepidação?» Ele respondeu: «Tenho certeza que sim». «Por quê – repliquei –, se para você tudo já estaria claro?» «Porque ela pode dizer não», afirmou de pronto. «Então, você estaria nervoso porque não sabe se todos aqueles sinais vão bastar para sua namorada dizer sim, porque você está exposto à interpretação “dela” dos sinais, ou seja, à liberdade dela. É assim?» «Sim», confirmou-me. Neste momento lhe perguntei: «Você preferiria que tudo fosse mecânico, automático, sem correr nenhum risco pela liberdade dela, poupando-se do nervosismo, ou gostaria, correndo um risco, de que ela livremente lhe dissesse sim?» E ele: «Sem dúvida preferiria que me respondesse livremente». E eu acrescentei: «E você acha que Deus quer menos do que você? Deus também prefere alguém que Lhe diga “sim” livremente». O Papa Francisco mencionou isso recentemente: «Como age Jesus? [...] Ele respeita, respeita a nossa situação, não invade. [...] O Senhor não acelera o passo, vai sempre ao nosso ritmo, [...] espera que dêmos o primeiro passo».¹³⁰ Isto não significa que Ele não nos dê sinais, todos os sinais de que precisamos, mas nós continuamos livres perante eles. Deus criou-nos e submeteu-se de certo modo à decisão da nossa liberdade, pois não há comparação entre um sim dito livremente pelo homem e uma anuência privada de exercício consciente da liberdade. E concluí: «Se não fosse o fruto da liberdade dela, seu “sim” não poderia provocar em você nenhuma explosão de alegria».

Como é decisivo dar-se conta de que a nossa liberdade não é uma complicação, mas um presente!

Desta forma, a liberdade está implicada numa interpretação dos sinais que nos permite atingir com plena razoabilidade a certeza de que posso confiar em outrem. É por causa dessa confiança que Pedro fez suas as palavras que ouvira de Jesus. A fé não é um jogar-se no abismo, um ato feito sem nenhuma razoabilidade. «A fé é reconhecer como verdade aquilo que uma Presença histórica diz de si mesma.» «Um Homem disse de si mesmo uma coisa que outros aceitaram como verdadeira e que hoje, graças à maneira excepcional como esse Fato ainda me alcança, eu também aceito. Jesus é um homem que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] Dar atenção ao que fazia e dizia esse homem, de modo a conseguir dizer: “Eu creio neste Homem”, aderir à Sua presença afirmando como verdade o que ele dizia: isso é a fé. A fé é um ato da razão movida pela excepcionalidade de uma Presença, que leva o homem a dizer: “Este que está falando é verdadeiro, não diz mentiras, aceito o que ele diz”.»¹³¹ Como diz o Catecismo, «*por conseguinte, “crer” tem dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, por confiança na pessoa que a atesta*».¹³²

A fé é o reconhecimento de “algo” – a presença do divino no humano – que ultrapassa a capacidade de compreensão da razão, que a razão sozinha não conseguiria definir, e ainda assim é um reconhecimento plenamente razoável, que explica o que tenho na frente dos olhos, a experiência que faço. Von Balthasar observa que há uma «íntima conexão entre fé e experiência da realização».¹³³

«Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição para se apegar a uma Presença como essa, isso é a fé. Sinceridade e simplicidade são palavras análogas. Ser “simples” significa encarar uma coisa sem introduzir fatores estranhos, emprestados de fora. [...] É preciso

¹³⁰ Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

¹³¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 32-33.

¹³² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 177.

¹³³ H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 119.

olhar com simplicidade para o fato, para o acontecimento; em outras palavras, é preciso olhar para o acontecimento pelo que diz, pelo que comunica à razão e ao coração, sem introduzir, para avaliá-lo, fatores alheios que não lhe concernem.»¹³⁴ A simplicidade, pode-se dizer, consiste em submeter a razão à experiência, sem introduzir nada de estranho a ela. Está esculpida em nossa memória a forma com que Giussani falou disso perante o Papa, na Praça de São Pedro, em 1998: «Era uma simplicidade de coração o que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata e cheia de certeza, como a que se dá diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte de nossa pessoa, nos tocam até chegar ao coração».¹³⁵

¹³⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 39.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 10.